

## TEMPOS DIFÍCEIS, DE LUTA E DE GUERRA

Por **Marcia Chmura; Diane Daniela Gemelli**

É doloroso passar por um tempo pandêmico;  
Marcado por ver um vírus mortal, visto apenas por microscópio.  
Foram dias de luta, pessoas morrendo;  
O mundo parou o seu ritmo diante do que estava ocorrendo.

Foram e são tempos difíceis;  
A pandemia impôs limites imprevisíveis.  
Na pesquisa acadêmica não podemos realizar trabalho de campo,  
que na metodologia da pesquisa continha;  
Por conta disso, usamos o que nos livros tinha.

Formação territorial do Contestado: processos, conflitos e resistências;  
Foi o nome dado à pesquisa por evidência.  
Para poder pesquisar, um ponto de *Internet* aqui no campo precisou ser instalado;  
E cá entre nós, era falho, mas não podia ser retirado.

A participação em eventos aconteceu de forma remota;  
A vida atrás de computadores e celulares fez a coluna ficar torta.  
Agora, aos poucos tudo está voltando ao presencial;  
Creio que agora os encontros terão essência mais que especial.

É preciso estudar e conhecer o passado, para se compreender o que hoje se tem  
A vida segue rumo distintos, sempre carregando o que o tempo deixou;  
Ricos são os que guardam na memória, muitas histórias;  
Pobres os que não sabem de nada, e somente seguem suas fúteis trajetórias.

Por cá, vive-se a estudar, a Guerra do Contestado para sempre se lembrar;  
Histórias daqui, histórias acolá, hoje escrevo aqui pra um pouco te ensinar;  
De início lhe aviso: guerra traz morte aqui, guerra traz morte acolá  
Conto da Guerra que aconteceu na fronteira entre Santa Catarina e Paraná.

Antes do conflito essas terras de posseiros, por caboclos era habitada (...)  
Neste território a população cabocla vivia de maneira organizada  
Cuidando, respeitando e vivendo com a natureza;  
Trabalhando na coleta de pinhão e na extração de erva mate com grande destreza.

Criavam animais, plantavam no roçado e na horta a alimentação;  
A vida social se distinguiu na “troca de dia”, que muitos conhecem por colaboração.  
E como parte do modo de vida caboclo, não se pode deixar passar o significado da religião;  
A fé no(s) Monge João Maria prevalecia, ainda mais nessa época que não tinha medicação.

Dizem que o Monge andava por muitas bandas, a população geralmente o acolhia;  
Sempre era procurado devido a crença nos chás de vassourinha e pelos batismos que fazia.  
Era, pois, a única saída para uma possível enfermidade;  
O Monge vivia uma vida simples e creio que por isso de tamanha religiosidade.

Território, terra e trabalho,  
Sobre isso, sei o que falo.  
Na luta pela terra e na manutenção de suas territorialidades,  
Caros leitores, o povo caboclo possui grandes potencialidades.

Até o momento... tudo parecia estar correto, o povo seguindo a vida;  
Trabalhando, claro que as vezes de forma sofrida.  
Mas o que iria acontecer nenhum deles imaginaria;  
Trato agora da guerra que muitas vidas ceifaria.

Para o estopim da guerra, muitas condições tinha;  
Mas o que aqui relato trata-se de uma ferrovia.  
Ligar o norte ao sul do Brasil o governo queria;  
E pelos estrangeiros a exportação da madeira, através de concessão viria.

A empresa estrangeira estava sob domínio de Percival Farquhar, um empresário como tal;  
Que via através dessa construção a entrada e acumulação de capital.  
O pior foi o governo que a ele concedeu grande quantidade de terras dos lados da ferrovia;  
Destruindo a natureza e expulsando a população cabocla que por lá vivia.

Quando Percival ganhou as terras de presente, logo pensou em usurpar;  
Através da serraria Lumber a destruição pode se avistar.  
Capangas, e homens mandados começaram a vasculhar as matas;  
Eram vastas árvores sendo tombadas, que a população ficou atormentada.

Parece ironia dizer que através dos trilhos do trem, o capital veio e des-envolveu;  
Do povo que lá vivia, muito se viu padecer, nas lutas que defendeu.  
A Guerra era desproporcional, de um lado militares usando canhões;  
De outro lado, o povo simples as custas de facões.

Eles precisavam defender suas vidas, suas terras de pertencimento,  
De pensar que a propriedade privada nunca lhes poderia chegar a ser alento.  
Lutaram por quatro anos, onde aconteceu o genocídio;  
Crianças, mulheres, homens, idosos; Caboclos e caboclas, também foi um etnocídio.

A guerra teve início no ano de mil novecentos e doze;  
O fim talvez tenha ocorrido em mil novecentos e dezesseis.  
Já explico o motivo do talvez, sem fazer muita pose;  
Ainda hoje a população cabocla sofre, e eu conto pra vocês.

Em território Contestado, se avista o pinus que como monocultura viu se firmar,  
Triste é não poder plantar o alimento para a fome saciar.  
Surgiram problemas como fome e pobreza, a tal desigualdade viu-se formar,  
Heranças que o capital fez gerar.

Surgiram narrativas traçadas pelos militares;  
Mencionando o caboclo como rebelde e bandido.  
E na memória cabocla, existem esses pensares,  
Trata-se de uma narrativa em que não se bendiz o caído.

Através das pesquisas outras narrativas são construídas,  
Essas são comprometidas com as pessoas excluídas.  
Por isso, é preciso que todo povo entenda o que foi a Guerra do Contestado,  
Para que se construam ações em busca de justiça ao povo que foi molestado.

Eu e minha professora, trabalhamos como pesquisadoras;  
Somos um tipo de desbravadoras.  
Um pouco do que aprendi na pesquisa, aqui na poesia coloquei;  
Num texto científico isso tudo não cabe, mas aqui eu pude, eu brinquei!

Que se construam as resistências minha gente, pois só assim não estaremos sujeitos a  
imposição de explicações negligentes.